



ALGUMAS NOTAS SOBRE AS MUTAÇÕES DO MESTRE: O ANTIGO, O MODERNO E O CONTEMPORÂNEO, QUAIS AS IMPLICAÇÕES?

SOME NOTES ABOUT THE MASTER'S CHANGES: THE ANCIENT, THE
MODERN AND THE CONTEMPORARY, WHAT ARE THE IMPLICATIONS?

Lucas Anselmo polido Lopes¹

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo discorrer acerca das mutações do discurso do mestre e suas implicações para a sociedade e para o sujeito. Nesse sentido, apresenta-se a teoria dos discursos desenvolvida por Lacan, bem como os discursos do mestre antigo, moderno e contemporâneo. Esse último sobre a perspectiva do discurso do capitalista. Para isso, realizamos uma pesquisa bibliográfica que abrange os discursos radicais, o discurso do capitalista e a teoria psicanalítica sobre os laços sociais. A teoria dos discursos é apresentada como forma de investigação dos embaraços a nível social. Como resultados, apontamos que a ciência, aliada ao discurso do capitalista, tem contribuído para o mal-estar contemporâneo à medida em que exclui a singularidade do sujeito e, ao mesmo tempo, quebra com a possibilidade de laço entre os sujeitos em prol da conexão sujeito-objeto. Como forma de enfretamento dessa perspectiva é indicada a ética da psicanálise, que valoriza a singularidade de cada sujeito, restituindo as diferenças no cerne do laço social.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso do mestre; Discurso do capitalista; Laço social; Ciência.

ABSTRACT: The present work aims to discuss the changes in the master's discourse and its implications for society and the subject. In this sense, the theory of discourse developed by Lacan is presented, as well as the discourses of the ancient, the modern and the contemporary masters. The latter from the perspective of the capitalist's discourse. For this, a bibliographic research was carried out addressing radical discourses, capitalist discourse and psychoanalytic theory on social bonds. Discourse theory is presented as a way of investigating embarrassment at the social level. As a result, it is pointed out that science coupled with the capitalist's discourse has contributed to the contemporary malaise as it excludes the subject's singularity and, at the same time, breaks with the possibility of bonding between subjects in favor of the subject-object connection. As a way of instancing this perspective, the ethics of psychoanalysis is indicated, which values the uniqueness of each subject, restoring the differences at the heart of the social bond.

KEYWORDS: Master Discourse; Capitalist Discourse; Social Bonds; Science.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, verificamos nas sociedades ocidentais um grande incentivo ao consumo em geral que, por vezes, chega a ser desmedido. Ao lado desse movimento, observamos um rápido desenvolvimento da ciência e da tecnologia na produção tanto de objetos materiais quanto de saberes sobre a vida cotidiana. Enquanto assistimos ao desenvolvimento do *marketing* como estratégia utilizada para a venda de produtos em massa, encontramos no campo da Psiquiatria e da Psicologia manuais de diagnóstico como o CID-10 e o DSM-5 que categorizam uma série de transtornos que se baseiam na dimensão do comportamento e em constatações estatísticas.

¹ Psicólogo graduado pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Como efeito disso, recebemos hoje nas clínicas particulares e institucionais grande número de pessoas angustiadas que trazem consigo seu rótulo, isto é, seu diagnóstico. Nas ruas das cidades deparamo-nos com a crescente população dos toxicômanos - sujeitos consumidos pelo objeto - que são foco, ou pelo menos eram, das políticas públicas de saúde. No cenário político assistimos à ascensão de governos ultraconservadores que buscam implementar normas e padrões por meio da dobradinha poder e violência. Novos rearranjos do poderio político em que as propostas políticas não vigoram sem o apoio da sociedade civil e da tecnologia, com intervenção direta dos meios de comunicação digitais tanto nas eleições como na manutenção dos governos como ocorreu as eleições da Hungria (2010), dos Estados Unidos (2016), do Brasil (2018), da Itália (2018), do Reino Unido (2019) e o surgimento meteórico do fenômeno das *fake news*.

A Psicanálise não se abstém diante desse cenário. Encontramos nos estudos psicanalíticos uma crescente produção acerca do mal-estar contemporâneo, como o livro de Jesús Santiago (2001) sobre a questão da toxicomania e o trabalho organizado por Vladimir Safatle, Nelson da Silva Júnior e Christian Dunker (2018) que traz uma perspectiva histórica e crítica a respeito da evolução dos quadros psicopatológicos e de critérios diagnósticos, apresentando questões sobre a utilização de manuais como CID e DSM. Há também a publicação do livro *As escritas do ódio: psicanálise e política* organizado por Miriam Debieux Rosa, Ana Maria Medeiros da Costa e Sérgio Prudente (2018), uma coletânea de artigos que abordam a tênue relação entre política, segregação e sujeito a partir da teoria psicanalítica.

Couto e outros (2018) indicam que a teoria dos discursos é uma ferramenta precisa para se pesquisar os laços sociais uma vez que em sua estrutura está colocada a relação – marcada pela impossibilidade – entre sujeito e o outro. Para além disso, acompanhar o desenvolvimento histórico dessa teoria nos permite localizar no tempo as mudanças referentes à própria civilização ocidental à medida em que as mutações do discurso do mestre estão diretamente relacionadas às mudanças que ocorrem na organização social.

A temática desse trabalho foi escolhida a partir da realização do trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Assim sendo, esse artigo tem como objetivo discutir as diferentes mutações do discurso do mestre, partindo do mestre antigo em direção ao mestre contemporâneo pensado a partir da perspectiva do discurso do capitalista. Também é objetivo deste artigo analisar as consequências dessas mutações para a sociedade e para o sujeito.

Para atingir os objetivos enumerados realizamos uma revisão bibliográfica a respeito da teoria dos laços sociais e dos discursos à luz de autores da psicanálise. Desse modo, temos *O*

Seminário livro 17: o avesso da psicanálise de 1969-1970 como carro chefe desse trabalho. O livro *Os Discursos na Psicanálise* de Aurélio Souza (2003) também é utilizado como aporte para a discussão pois o autor apresenta um percurso histórico e filosófico do desenvolvimento da teoria dos discursos. A partir das pesquisas realizadas, surgiu a necessidade de recorrer a debatedores da teoria psicanalítica – assim como a outros textos de Lacan - para situar questões específicas, tais como o processo de constituição do sujeito, o contexto de maio de 68 na França, o discurso do capitalista e a ética da psicanálise. Por meio da revisão bibliográfica buscamos percorrer um raciocínio que segue uma ordem cronológica a fim de sistematizar uma leitura possível sobre a teoria dos discursos lacanianos e apresentar as mutações do discurso do mestre a partir de questões advindas do social e do coletivo.

2 A TEORIA DOS DISCURSOS NO ENSINO DE LACAN

De acordo com Quinet (2009) é possível dividir o ensino de Lacan em três momentos distintos: o período que se desenrola dos anos de 1950 até 1960, em que ele se concentra na estrutura da linguagem e no Simbólico; os anos entre 1960 e 1970, em que Lacan desenvolve o conceito de objeto *a* e o período após 1970, em que seu ensino é orientado pelo Real. Nesse sentido, percebemos um deslocamento que parte da primazia do Simbólico em direção ao Real. Nessa transição, o desenvolvimento da teoria dos discursos é fundamental, uma vez que ela apresenta uma nova maneira de se pensar a Psicanálise que é mais lógica do que mitológica.

Por volta dos anos 60, Lacan desenvolve o conceito de objeto *a*, que muda radicalmente a direção de seu ensino. Se antes desse período Lacan estava às voltas com a questão da significação, do significado e do significante, o surgimento do conceito do objeto *a* - enquanto resto real da relação entre sujeito e outro - apresenta um impasse a essa lógica. É por não adentrar no domínio do significante, ou seja, por ser da ordem do Real, que o objeto *a* indica uma falta no nível da linguagem com a qual todo sujeito terá que lidar.

Em *O seminário livro 6: a interpretação do desejo*, ao trabalhar a fantasia fundamental, Lacan (1958-1959/2016)² propõe uma operação de divisão em diferentes níveis que passa a constituição do sujeito. A partir da diferenciação dos conceitos de necessidade, demanda e desejo, ele indica que, no início desse processo, não há sujeito. É na inserção do *in-*

² A primeira data indica o ano de publicação original da obra, a segunda indica a data da edição consultada. As citações seguintes seguirão o mesmo modelo.

fans no campo da linguagem que se tem a possibilidade de seu surgimento. Lacan salienta que para que esse processo ocorra é necessário que haja um outro real, ou seja, um outro encarnado que outrora se constituiu enquanto sujeito. Isso se dá porque o que está em jogo nesse processo é o reconhecimento da consciência, isto é, o *infans* quer ser reconhecido como sujeito por outro sujeito. Entretanto, no último nível da divisão proposta, em que temos o grande Outro barrado (A/) no lugar do dividendo, o sujeito (S) no lugar do divisor e o sujeito barrado (\$) no lugar do quociente, o objeto *a* aparece como resto dessa operação.

Figura 1: Último nível da divisão proposta por Lacan.

$$\begin{array}{c|c} \mathbf{A/} & \mathbf{S} \\ \hline \mathbf{a} & \mathbf{\$} \end{array}$$

Fonte: Desenhada pelo autor com dados extraídos de (Lacan, 1958-1959/2016, p.397).

Isso indica que ao lidar com esse outro real, o *infans* se depara com a falta no nível do significante, pois a linguagem é falha, não é possível tudo dizer. Além disso, não há significante que dê conta de sua pura falta-a-ser. Nesse sentido, ao encontrar-se com essa falta no grande Outro por meio do outro real, o *infans* responde com sua própria falta e vemos surgir ao final dessa divisão o confronto entre o sujeito barrado – castrado pela linguagem – e o objeto *a* que representa aquilo que não se insere no campo do significante, do Simbólico, e indica a presença do real, do indizível e do gozo.

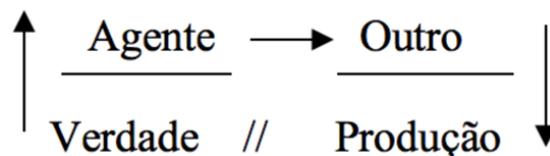
Ante a pressão da demanda do sujeito exigindo uma garantia, o que se realiza no nível do Outro é primordialmente algo dessa falta em relação à qual o sujeito terá de se situar. Essa falta, observem, se produz no nível do Outro enquanto lugar da fala e não no nível do Outro como real. [...] Mas isso sempre estará situado apenas à margem da falta fundamental que se encontra como tal no nível do significante. O sujeito estará historicamente envolvido por todas as suas experiências com o Outro [...] mas nada disso tudo poderá esgotar a falta que existe no nível do significante enquanto tal, que é o nível em que o sujeito tem de se situar para se constituir como sujeito e se fazer reconhecer pelo Outro. (LACAN, 1958-1959/2016, p. 399).

É nesse sentido que Souza (2003) afirma que a teoria dos discursos se apresenta em um momento em que Lacan se depara com uma questão em seu ensino que, em suma, diz respeito à insuficiência do plano Simbólico em dar conta do gozo. Desta maneira, não é possível operar na clínica apenas a partir das noções de significação, pois a linguagem é falha. Assim, nos anos que se sucederam, Lacan desenvolveu a teoria dos discursos, que se sustenta

em um aparelho algébrico, regido por regras lógicas, em que a impossibilidade e o real marcam presença.

Lacan (1969-1970/1992, p.19) define os discursos como “um aparelho de quatro patas”, pois constitui-se de quatro lugares, a saber: o do agente, o do outro, o da produção e o da verdade. O lugar do agente é ocupado pelo elemento que organiza o discurso, que o comanda. O lugar do outro é ocupado por aquilo que o discurso quer dominar. O lugar da produção é ocupado por aquilo que o outro produz e, por fim, o lugar da verdade é ocupado pelo componente que sustenta o agente e o discurso.

Figura 2: Os lugares dos discursos.



Fonte: Desenhada pelo autor com dados extraídos de (Lacan, 1969-1970/1992, p.179).

Os lugares estabelecem – ou não – relações entre si que são demarcadas pelas flechas e pelas duas barras (//). Assim, percebemos que o agente se dirige a um outro e esse, por sua vez, produz algo (outro/produção). O lugar da verdade representa aquilo que está escamoteado, escondido no discurso. Lacan (1969-1970/1992) indica que a verdade para a Psicanálise possui o estatuto de um semidizer, isto é, nunca é toda dita, sempre aparece a meias.

De acordo com Souza (2003), há ainda nos discursos duas condições especiais: a impotência e a impossibilidade. A primeira é encontrada na primeira linha que compõe a estrutura dos discursos, na flecha que parte do lugar do agente para o do outro. Ela diz respeito à própria falta no nível do significante, ou seja, a falha da linguagem que estabelece um limite na relação entre agente e outro. A segunda, encontrada na linha inferior do discurso e representada pelas duas barras (//), indica o próprio real que funda os discursos, ou seja, nada pode ocupar totalmente o lugar da verdade, aquilo que se produz não condiz totalmente com o que é verdadeiro. É nesse sentido que os discursos são uma forma de tratamento do gozo e, ao mesmo tempo, causados por ele.

[...] a *impotência* designa essa condição de que ao *discurso*, desde que se constitui como uma “barreira de gozo”, mesmo que seja possível escrever a “conexão” entre o *lugar de agente* e o *lugar do “outro significante”*, haverá sempre um limite. Por mais que o sujeito se utilize das palavras, não encontrará respostas suficientes sobre o que ele é ou quem ele é, pois as palavras não podem dizer tudo. [...] Quanto à *impossibilidade*, trata-se dessa própria condição discursiva e de estrutura que institui uma dis-

junção entre o lugar da *produção* e o *lugar da Verdade*. Isso quer dizer que nenhum vetor ou mesmo nenhum elemento poderá alimentar o *lugar da Verdade*. Lacan sugeriu que essa condição de “isolamento” do *lugar da Verdade* fundamenta a consistência do real e, como tal, passa a definir a própria condição que causa os *discursos*. Por isso mesmo, nenhum *discurso* pode apreender o real que o causa. Não existe Saber que possa dar conta do real. (SOUZA, 2003, p.104, grifo do autor).

Os elementos dos discursos também são quatro: S1, significante-mestre; S2, saber ou cadeia significante; \$, sujeito barrado pela linguagem e objeto *a*.

O significante-mestre, S1, é aquele que representa a alienação do sujeito no campo do Outro. De acordo com Rabinovich (2001), trata-se do significante primeiro que dá início a toda articulação da cadeia significante, pois representa o sujeito diante de outro significante. A autora acrescenta que é um significante sem sentido, quer dizer, surge a partir da remoção da cadeia de significantes que lhe dá significação.

Assim, temos outro elemento dos discursos, a cadeia significante, o saber, S2. Quinet (2009), ao trabalhar o conceito de saber, ressalta a importância de outro conceito: a repetição. O S2 é a bateria significante que tenta dar sentido ao S1. Como resultado desse movimento tem-se a produção do gozo. Dessa forma, saber e gozo estão entrelaçados pelo movimento incessante da repetição.

Portanto, temos os dois últimos elementos que compõem os discursos: o sujeito barrado, \$, e o objeto *a*. Retomando o último nível da divisão proposta por Lacan, percebemos que o objeto *a* surge como resto e o sujeito barrado como quociente. O que se desenvolve nessa divisão é o que posteriormente dará sustentação para as teorias da alienação e separação, isto é, a constatação de que no processo da constituição do sujeito há uma perda de gozo (objeto *a*). Isso indica que para advir enquanto sujeito é necessário a queda do objeto *a*, uma quota de gozo que se perde para entrar no campo da linguagem. É nesse sentido que uma das maneiras de se pensar a castração é o encontro com a linguagem, a partir dessa perda o sujeito se torna castrado.

Os discursos são, portanto, uma tentativa de aparelhamento do gozo com a linguagem, haja vista que os elementos que os compõem são da ordem do Simbólico (S1, S2 e \$) e da ordem do Real (objeto *a*). Mas por que podem ser considerados laços sociais?

Lacan (1969-1970/1992) indica que os discursos são estruturas significantes que se configuram como um alicerce sem palavras, mas que geram palavras. Assim, eles estão presentes em todos atos de fala que estabelecem laços entre as pessoas, grupos, organizações, entre outros. Além disso, Souza (2003), ao analisar a composição dos discursos, destaca que a fração do lado esquerdo (agente/verdade) representa o campo do sujeito, enquanto a do lado

direito (outro/produção) diz respeito ao campo do outro significante, desvelando a alteridade radical presente, ou seja, parte-se do um para o outro.

É importante salientar a caracterização dos discursos enquanto “laços sociais” e não como “laços de linguagem”. Apesar de serem estruturas significantes e terem o suporte na linguagem, os discursos enquanto laços sociais ultrapassam esse registro. Isso porque o ser falante está diretamente implicado nessa relação com o seu corpo e com a sua vivência. Sendo assim, é a partir das marcas da linguagem no ser, que se pode pensar os discursos como laços sociais, e não somente como laços de linguagem.

No fim das contas, há apenas isto, o liame social. Eu o designo com o termo *discurso*, porque não há outro meio de designá-lo, uma vez que se percebeu que o liame social só se instaura por ancorar-se na maneira pela qual a linguagem se situa e se imprime, se situa sobre aquilo que formiga, isto é, o ser falante. (LACAN, 1972-1973/2008, p. 60).

3 OS DISCURSOS DO MESTRE

Após ter explicitado os lugares, as relações e os elementos que compõem a álgebra dos discursos, é possível adentrar na estrutura do discurso do mestre enquanto tal. É em *O Seminário livro 17: o avesso da psicanálise* de 1969-1970 que Lacan apresenta formalmente os quatro discursos radicais, a saber: o do mestre, o do universitário, o do analista e o da histérica. Esses quatro discursos são considerados radicais³ pois foram os primeiros a serem elaborados por Lacan. Na literatura psicanalítica encontramos outras estruturas discursivas, mas que não são consideradas radicais, como o discurso do capitalista, elaborado em 1972, que será abordado mais adiante.

Todavia, antes de abordar o matema do discurso do mestre é necessário discorrer a respeito do contexto social e político da França em 1968, visto que esse seminário dialoga com esse cenário.

3.1 O Movimento de Maio de 68

Embora o próprio Lacan (1969-1970/1992) tenha insistido que não associassem o conteúdo do *O seminário livro 17: o avesso da psicanálise* aos eventos que o antecederam é primordial que resgatemos tais eventos para compreender seus impactos não só para a teoria psicanalítica, mas para a história do Ocidente em geral.

³ A palavra “radical” remete à “raiz”, “origem”, “base”.

O Movimento de Maio de 68 aconteceu na França, mais precisamente em Paris, mas sua influência não se limitou apenas a esse espaço. Como indica Thiollent (1998 p.66), trata-se de um período em que “assistia-se a revoltas em outras partes do mundo. As lutas que ocorriam na Alemanha, nos EUA e na América Latina davam sinais de que os estudantes eram capazes de se manifestar autonomamente”. Enquanto jovens estadunidenses se manifestavam contra o positivismo imperativo no campo acadêmico e estudantes brasileiros se organizavam contra a ditadura civil-militar que assombrava o país, os franceses começavam a questionar o caráter elitista e conservador no qual o sistema educacional francês se apoiava.

O clima reivindicatório se estendeu para além dos muros das universidades. Ainda de acordo com Thiollent (1998), os trabalhadores franceses começaram a se organizar e reivindicar melhores condições de trabalho. O autor afirma que foi um dos primeiros movimentos em que classes tão socialmente apartadas – estudantes e operários – começaram a dialogar. Juntos protestavam contra o conservadorismo presente nas políticas francesas. Em poucos dias, graças aos meios de comunicação e à intensa participação popular, o movimento englobou cerca de dez milhões de trabalhadores e culminou em uma greve geral que levou o governo de Charles de Gaulle a uma negociação trabalhista e a uma reforma do ensino universitário.

De modo geral, as críticas, tanto dos estudantes quanto dos trabalhadores, iam de encontro ao conservadorismo assumido pelo governo francês. Dentre elas Couto *et al.*(2018) destacam:

Além dessas críticas às formas assumidas pela ciência dentro do ensino universitário, da desigualdade social gerada pelos avanços do sistema capitalista cada vez mais globalizado e do pouco engajamento dos professores nos processos de mudança social, os estudantes também questionavam os hábitos e os costumes legados pela tradição. O lema “é proibido proibir” tornou-se uma das principais bandeiras do Movimento. O que, portanto, estava em questão era uma crítica às instituições e às formas assumidas pelo poder, dentre elas, é claro, ao próprio modo de constituição e transmissão do saber. (COUTO et al, p.97, 2018).

É nesse cenário de revolução e de tensão política e social que surge *O seminário livro 17: o avesso da psicanálise*, que tem como tema principal a apresentação dos quatro discursos. O que é curioso – e de certa forma entendível - é que os discursos, principalmente o do mestre e seus derivados, são exatamente aqueles que denunciam as diferentes formas de dominação exercidas nos laços sociais. Nesse sentido, por mais que Lacan (1969-1970/1992) tenha desviado a produção desse seminário dos eventos que o atencederam, é evidente a conexão entre eles.

3.2 O discurso do mestre antigo

Para chegar à estrutura do mestre antigo, Lacan (1969-1970/1992, p.11) parte “da relação fundamental, aquela que defini como sendo a de um significante com um outro significante. De onde resulta a emergência disso que chamamos sujeito – em virtude do significante que, no caso, funciona como representando esse sujeito junto a um outro significante”. Nesse sentido, ele alude ao processo de constituição do sujeito na linguagem por meio da máxima de que um significante é aquele que representa o sujeito para outro significante.

Figura 3: O sujeito representado por um significante para outro significante

$$\frac{S1 \longrightarrow S2}{\$}$$

Fonte: Desenhada pelo autor com dados extraídos de Lacan (1969-1970/1992, p. 11).

Todavia, como trabalhado anteriormente, ao final do processo de constituição do sujeito resta o objeto *a*, perda de gozo necessária para entrar no campo do Simbólico. Desta maneira, Lacan (1969-1970/1992) acrescenta esse último elemento e define a estrutura daquilo que é não só o discurso do mestre antigo, mas também o discurso do inconsciente, tendo em vista a relação intrínseca que estabelece com o processo de constituição do sujeito. Portanto, temos no discurso do mestre um importante recurso para as pesquisas psicanalíticas que abordam o social uma vez em que o mesmo discurso representa o processo de estruturação do sujeito e o que corresponde a essa operação a nível da organização da sociedade.

Figura 4: O discurso do mestre antigo ou o discurso do inconsciente

$$\begin{array}{ccc} \uparrow & \frac{S1 \longrightarrow S2}{} & \downarrow \\ \left| \frac{\$}{\quad} \right. & // & \left. \frac{a}{\quad} \right| \end{array}$$

Fonte: Desenhada pelo autor com dados extraídos de (Lacan, 1969-1970/1992, p.40).

Este foi o primeiro discurso apresentado por Lacan em *O Seminário livro 17: o avesso da psicanálise*. O próprio Lacan (1968-1969/1992) o justifica, pois é possível identificar essa forma discursiva em certas relações históricas. Como exemplo, ele utiliza a função do escravo na idade antiga – que em nada se assemelha ao escravo dos tempos coloniais. Além disso, ele

também afirma que todos os outros discursos possuem relação com o discurso do mestre, considerado o discurso da dominação por excelência.

Na parte superior desse discurso, tem-se o significante-mestre (S1) no lugar de agente e o saber (S2) no lugar do outro. O significante-mestre representa o senhor, enquanto o saber representa o escravo. Pensemos, tal como Lacan o fez, nesse exemplo. O escravo na idade antiga possuía uma função para a Família e para o Estado. Era ele quem possuía um saber-fazer (*savoir-faire*) e que por isso ocupava distintas funções, como educador/mentor das crianças. Esse saber-fazer do escravo é representado pelo saber, S2, nesse discurso. Podemos pensar, também, no exemplo do rei (não mais na idade antiga, mas na idade média) e de seus conselheiros. O rei, enquanto S1, significante-mestre, servia-se de seus conselheiros que possuíam um saber acerca da guerra ou da economia, por exemplo. Nesse sentido, os conselheiros possuíam um saber-fazer que lhes conferiam uma função para o Estado e por isso ocupavam a posição do S2 no discurso do mestre antigo.

Mas o que o escravo antigo produz? No lugar da produção desse discurso encontramos o objeto *a*. Souza (2003) afirma que nesse discurso ele é o mais-de-gozar. O objeto *a* possui duas vertentes: causa de desejo e mais-de-gozar. A primeira tem relação com a falta, com aquilo que Freud designou ser o objeto perdido da primeira experiência de satisfação. A segunda se inscreve no campo do gozo por meio da repetição articulada à pulsão. O termo “mais-de-gozar” faz analogia aos estudos de Karl Marx sobre a “mais-valia”. De maneira muito simples, Sirelli (2017) indica que nos estudos de Marx esse conceito define as horas de trabalho não pagas ao trabalhador e surge mediante a diferença entre o valor do salário do funcionário e o esforço despendido por ele na realização de sua tarefa.

O salário funcionaria como um resto, um a menos, que lança o trabalhador de volta ao movimento do trabalho. Nesse sentido, o mais-de-gozar tem relação com a mais-valia à medida em que se configura como um resto de gozo que lança o sujeito no movimento da repetição e ativa o circuito pulsional em busca do gozo absoluto perdido. Entretanto, o gozo absoluto está barrado para todo sujeito que se constitui no campo da linguagem, o que faz com que o gozo obtido por meio do mais-de-gozar seja sempre parcial. (SIRELLI, 2017).

O escravo, portanto, produz e “usufrui” o gozo nesse discurso. Couto *et al.*(2018) salientam essa importante notação. O gozo do lado do escravo indica que quem ocupa esse lugar goza dessa posição, ou seja, goza de servir a um mestre. Como ilustração dessa questão Couto *et al.*(2018,p.101) indicam tanto, “religiões enrijecidas e passionais, que atraem cada vez mais adeptos pelo mundo, quanto o ressurgimento das políticas autocráticas, concentradas em figuras que se apresentam como salvadoras e que arrastam multidões”. Não é difícil pensar em

exemplos no mundo atual, como a ascensão de governos de extrema direita em diversas partes do mundo. Todos eles têm em comum a figura de um messias, de um salvador, de um mito, que supostamente é capaz de salvar a política nacional.

Porém, no lugar da verdade desse discurso tem-se o sujeito barrado pela linguagem, $\$$. Rabinovich (2001, p.18) aponta para o engodo do discurso do mestre antigo: “o mestre está castrado”. A autora trabalha a relação estabelecida na fração $S1/\$$. O senhor é igualado ao significante-mestre e, nesse sentido, desconhece sua castração. Assim, vemos surgir na linha inferior desse discurso a impossibilidade marcada entre sujeito barrado ($\$$) e objeto a , que indica que a fórmula da fantasia ($\$ \langle a^4$) está interdita. A fórmula da fantasia é o que dá uma certa moldura para o desejo e para as pulsões, organizando-as e atuando como mediadora entre o desejo e os objetos substitutos. Mas, igualado ao significante-mestre de si mesmo, o senhor desconhece sua falta e seu desejo. É nesse sentido que Quinet (2009) classifica esse discurso como da ordem da dominação: o mestre precisa do escravo, de seu saber, e o faz por meio da dominação, ou seja, por meio de um ordenamento.

Não sem sentido Lacan (1969-1970/1992) identifica esse discurso no ato de governar. Ele o faz a partir do que Freud nomeou como as três profissões impossíveis: governar, curar e educar. O discurso do mestre antigo corresponde à primeira, enquanto, o discurso do mestre moderno à última. Assim, chegamos a primeira mutação do discurso do mestre: do antigo para o moderno.

3.3 O mestre moderno ou o discurso do universitário

Na lição de 17 de dezembro de 1969 Lacan (1969-1970/1992) discorre a respeito da primeira mutação do discurso do mestre, aquela que dá origem ao discurso do universitário ou o discurso do mestre moderno. Ele parte da análise da função do escravo no discurso do mestre antigo, ou seja, da sua posição de saber-fazer, representada pelo saber $S2$. Isso porque o que está em jogo nessa mudança é exatamente o estatuto do saber que deixa de pertencer ao escravo para se tornar um saber de senhor.

Em minha primeira enunciação, há três semanas, partimos de que o saber, no primeiro estatuto do discurso do senhor [mestre antigo], é a parte do escravo. Pensei ter indicado, sem poder desenvolver da última vez [...] que o que se opera entre o discurso do senhor antigo e o do senhor moderno, que se chama capitalista, é uma modificação no lugar do saber. [...]

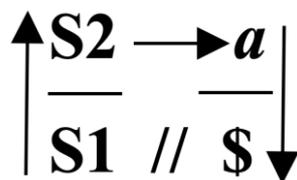
⁴ Lê-se: sujeito punção de a .

De maneira que é por ter sido despossuído de algo [o escravo] – antes, obviamente, da propriedade comunal –, que o proletário pode ser qualificado com esse termo despossuído, que justifica tanto o empreendimento quanto o sucesso da revolução. (LACAN, 1969-1970/1992, p. 32).

Aqui, duas considerações são importantes, uma vez que a revolução industrial aliada a ascensão do modo de vida capitalista são fatores cruciais na mutação do mestre antigo para o moderno. Primeiramente, Lacan chegou mesmo a nomear o discurso do universitário como discurso capitalista. Não se trata, todavia, do discurso do capitalista como tal, que será abordado mais adiante. Há ainda o fato de Lacan (1969-1970/1992) referir-se ao escravo nesse novo discurso enquanto uma classe: o proletariado.

Ele indica que o escravo nesse novo discurso passa a ser despossuído do saber que se torna um saber de senhor. É nesse sentido que nesse novo discurso é o S2, o saber, que ocupa o lugar do agente, enquanto o escravo passa a ser representado pelo objeto *a*, indicando que nesse discurso o outro é tratado como objeto, ou como Lacan nomeia o *a*-estudante.

Figura 5: O discurso do universitário ou o discurso do mestre moderno



Fonte: Desenhada pelo autor com dados extraídos de (Lacan, 1969-1970/1992, p.40).

Lacan (1969-1970/1992, p.32) indica que é a partir da subtração do saber do escravo que se tem uma nova modalidade do discurso do mestre em que assistimos à “tirania do saber”, isto é, o tudo-saber. Souza (2003) elucida o contexto dessa transição, situando-a a partir da modernidade, que tem seu marco na revolução industrial. De acordo com o autor, é um momento em que há um rápido desenvolvimento da ciência, da filosofia e, posteriormente, das universidades, fazendo com o que o saber passe de uma dimensão prática para uma teórica e sendo possível ensiná-lo. Lacan nomeia esse discurso como discurso do universitário, uma vez que esse discurso também se refere aos laços sociais do campo da educação.

Mais tarde, a filosofia, as ciências e, mais próximo de nossos dias, a própria Universidade determinaram um progresso dessa relação, universalizando esse Saber do escravo. Transmutado num saber de mestre [...]. O que se constituía num “saber fazer” do escravo, como vimos, foi transformado num “aparelho de saber” para o mestre. Procurava-se, com isso, dar conta dessa passagem que vai de um saber prático a um saber teórico. (SOUZA, 2003, p.135).

No lugar da produção desse discurso temos o sujeito barrado, \$, que, como afirma Quinet (2009), é o sujeito da crença e, ao mesmo tempo, o sujeito patológico. Sujeito da crença no sentido de sujeito fascinado pela possibilidade do todo-saber. Quinet (2009) afirma que a ciência, aliada ao discurso do universitário, produz sujeitos divididos que ao mesmo tempo em que creem na ciência a desqualificam. Isso porque o que resta nesse discurso é o sujeito sintomático, marcado pelo seu ponto de gozo. O todo-saber, ao tomar o outro como objeto, ignora sua singularidade e é exatamente essa singularidade que resta no lugar da produção. Isso resulta, ainda de acordo com Quinet (2009), em uma crescente difusão de práticas místicas e religiosas em diversos países no mundo. Algumas religiões, apoiadas na onisciência do divino, seguem a lógica do todo-saber colocada por esse discurso. Para além desse fato, Souza (2003) ressalta que a impossibilidade desse discurso está entre S1 e \$, indicando que o saber no lugar de agente exclui a experiência singular do sujeito, uma vez que ele está impossibilitado de se conectar com o significante que o aliena.

Essa condição discursiva, embora não pare de transmitir um Saber, ignora a divisão do *sujeito* e a ex-sistência do *saber inconsciente*, um *não saber* sexual que está implicado à própria verdade do *sujeito*. O que se enuncia no *discurso do universitário* em nenhum momento mantém relação com o *sujeito*, pois o que se ensina não lhe diz respeito. (SOUZA, 2003, p.127).

Quinet (2009) também afirma que o sujeito barrado no lugar da produção é o sujeito patológico. Não é difícil chegar a essa conclusão, uma vez que esse discurso abrange tanto o modo de produção capitalista, quanto a educação. No primeiro caso, retomemos a posição do escravo – que agora é o proletariado – e pensemos nas inúmeras teorias acerca das clínicas do trabalho. No caso da educação, pensemos nos recentes casos de suicídio nas faculdades de medicina⁵, que trouxeram à academia a problemática da saúde mental dos estudantes. Recentemente, o Ministério da Educação passou a considerar o Apoio Psicopedagógico um fator crucial na avaliação das universidades. Tanto em um exemplo, quanto em outro, ficam evidentes os males causados por esse discurso ao tomar o outro como objeto.

3.4 Uma das faces do mestre contemporâneo: o discurso do capitalista

O discurso do capitalista, elaborado por Lacan em 1972, é a última mutação do discurso do mestre. Entretanto, o mestre contemporâneo não se resume a ele. Miller (2017) afirma

⁵ D'OLIVEIRA, Rafael. Suicídios em faculdade de medicina em BH preocupam alunos; 'pressão muito grande'. **BHAZ**, Belo Horizonte, 28 de novembro, 2018.

que o discurso do mestre pode ser pensado como um algoritmo variável. Isso quer dizer que a cada época, a cada tempo, há uma variação do elemento que constitui o agente nesse discurso – haja vista a mutação do mestre antigo para o moderno. Todavia, o autor indica que atualmente há uma multiplicidade de elementos que podem vir a ser o mestre contemporâneo, como o sujeito do individualismo democrático (no discurso do capitalista), ou a exaltação do significante-mestre enquanto Um, como encontramos em algumas religiões e em movimentos políticos ultraconservadores. Mandil (2019) acrescenta outras variáveis tais quais: uma crescente burocratização da vida – que remete ao discurso do universitário –, e a crescente biologização do corpo nas ciências da saúde, ou seja, a redução do corpo a um conjunto de órgãos – desconsiderando seu aspecto subjetivo.

Seguindo Lacan, o capitalismo substitui o significante-mestre pelo sujeito dividido no lugar acima e à esquerda do esquema [...]. Em termos políticos, dizemos “individualismo democrático”. Em outras áreas, o discurso do mestre subsiste tal e qual, em particular sob formas intensificadas em que o significante ‘Um’ é exaltado como sagrado, divino. O religioso aí domina o social. Acreditamos observar até entre nós veledades de retorno à dominação do religioso. (MILLER, 2017, p.1)

Assim, o mestre contemporâneo possui diversas faces. Uma delas é o discurso do capitalista, introduzido por Lacan na década de 70. Trata-se de um discurso diferente dos outros, pois não segue a lógica das flechas e desconsidera a impossibilidade entre o lugar da verdade e o lugar da produção. Souza (2003) identifica que o surgimento desse discurso se deve à ascensão do modo de vida/produção do sistema capitalista nas sociedades em geral.

O autor identifica que em determinado momento histórico houve – e ainda há – uma produção de objetos em massa destinados ao consumo. Como resultado disso, surgem as funções do estoque e do *marketing*. Tanto uma, quanto outra, indicam que há um excesso destinado a ser consumido. O estoque surge como espaço para guardar mercadorias destinadas ao consumo, enquanto o *marketing* tem como objetivo valorizar o produto aos olhos do consumidor – é uma estratégia de venda.

Nessa linha de raciocínio vemos surgir no lugar da verdade desse discurso, representadas pelo S1, as leis do mercado traduzidas pelo imperativo de lucro do capitalismo. O S1 no lugar da verdade se dirige ao S2, isto é, ao saber, que aqui é entendido como a ciência, para que ela produza o objeto *a* na qualidade do mais-de-gozar.

Figura 6: O discurso do capitalista.

Fonte: Desenhada pelo autor com dados extraídos de (Quinet, 2009, p. 38).

Por sua vez, o objeto *a* mais-de-gozar é entregue ao sujeito que está no lugar de agente, não mais marcado por sua divisão e pelo seu desejo, mas sim pelo seu potencial de consumo, é um consumidor. Lacan nomeia os objetos produzidos por esse discurso de *gadgets* – produções da ciência e da tecnologia. Souza (2003) ressalta que não se trata do objeto *a* como tal, mas sim de mercadorias travestidas de objeto *a* mais-de-gozar (função do *marketing* e da publicidade).

Duas consequências se destacam disso. A primeira refere-se à própria estrutura desse discurso que rompe com a lógica dos radicais. Aqui, além das inversões das flechas, há o apagamento da impossibilidade entre o lugar da verdade e da produção, o que sugere, de acordo com Souza (2003), uma rejeição da castração. Isso porque ao ser oferecido o objeto *a* ao sujeito cria-se a ilusão da completude de gozo. Assim, o sujeito está engravidado pelo objeto, consumido por ele. Todavia, trata-se de uma ilusão, à medida em que o que se inscreve na posse do objeto não é o gozo completo, mas sim a falta-de-gozar, pois pela própria condição estrutural é impossível ter acesso ao gozo completo. Além disso, quando se consome um objeto já existe outro ilusoriamente melhor, haja vista os rápidos avanços da ciência e da tecnologia. Nesse sentido, esse discurso age na dialética entre falta e desejo, criando a falta para em seguida obstruí-la com seu *gadget* (SOUZA, 2003).

A segunda consequência é deduzida da primeira e nos é indicada por Quinet (2009) que revela que por estar em constante contato com o objeto, o sujeito se desliga do outro sujeito. Há assim um rompimento do laço social em detrimento da relação particular do sujeito com o objeto.

Quinet (2009) também ressalta as mazelas causadas pelo discurso do capitalista quando aliado à ciência. O autor indica que a ciência nesse discurso segue as leis do capital e que, nesse sentido, cria objetos destinados a serem consumidos. Como exemplo, ele cita a indústria farmacêutica que está – constantemente e de maneira rápida – desenvolvendo novos medicamentos. Paralelamente a isso, assistimos no campo da Psiquiatria, das Neurociências e da Psicologia, a um acréscimo significativo das classificações patológicas, ou seja, do aumento da-

quilo que é considerado transtorno. Dessa maneira, Quinet (2009) questiona se são novos medicamentos para novos transtornos ou novos transtornos para novos medicamentos.

Temos aqui duas hipóteses: a evolução da ciência na psiquiatria produz novos remédios para novos males; ou ela produz os “males”, pseudos novos males, para que sejam tratados por medicamentos que ela fabrica. Neste caso, vemos as neurociências a serviço do discurso capitalista produzindo não só novas drogas (novos *gadgets*), mas também [...] novas categorias diagnósticas que justificariam assim “medicamente” a utilização dos psicofármacos. (QUINET, 2009, p.22).

Percebemos dessa maneira, as consequências devastadoras desse discurso para a sociedade e para os sujeitos. Além de dificultar o laço social, esse discurso impõe seu imperativo para os sujeitos: “Consuma! Goze!”. Do ponto de vista da clínica, encontramos nos consultórios e nas clínicas institucionais um número cada vez maior de sujeitos que se queixam daquilo que Lima (2013, p.492) nomeou como sendo “patologias ligadas ao excesso pulsional”. A autora identifica algumas delas como: a compulsão, a adicção, a bulimia e a anorexia. Todas respondem ao imperativo instituído pelo discurso do capitalista.

Além dessas patologias, Lima (2013) associa o aumento de casos de depressão na atualidade aos efeitos do discurso do capitalista. Ela afirma que esse discurso realiza uma modificação nos ideais da sociedade, que antes se balizavam pelos preceitos do trabalho e da moral. A partir do século XX, de acordo com a autora, esses ideais foram substituídos por uma cobrança de ser original, ousado, a mando do imperativo de ser diferente. Diante disso, o ser humano desenvolve um sentimento de insuficiência, frente à impossibilidade de ser igual a si mesmo – uma vez que há um resto real (objeto *a*) em jogo na estrutura. Como resultado há o aumento dos casos de depressão.

[...] vivemos uma crise identitária que teve seu início na segunda metade do século XX nas sociedades ocidentais. A forma avançada do individualismo moderno teria produzido mudanças significativas na subjetividade. [...]. O homem contemporâneo, como “único proprietário de si mesmo”, sem nenhuma referência para orientar suas identificações, busca ser idêntico a si mesmo. Esse imperativo resulta num cansaço extremo diante dessa empreitada de ser autêntico, ousado e original, substituindo os imperativos anteriores, da moral do trabalho, da renúncia e da adequação às normas. A depressão é o resultado da falha dessa empreitada. (LIMA, 2013, p.493).

HÁ SAÍDA?

Na maior parte das bibliografias pesquisadas a ética da Psicanálise é indicada como alternativa possível diante dos efeitos massivos do discurso do capitalista. Andrade Júnior (2007), ao trabalhar a ética da Psicanálise, a diferencia da ética aristotélica. De acordo com o

autor, Aristóteles define a ética a partir de parâmetros racionais, pautados em comportamentos e hábitos que são refletidos na formação do caráter a fim de se alcançar a felicidade a partir das virtudes cultuadas na sociedade. Para contrapor-se a essa lógica o autor recorre aos estudos de Freud sobre a pulsão de morte.

A pulsão de morte, nos diz Andrade Júnior (2007), aponta para o impossível da felicidade. Se no início dos estudos de Freud o aparelho psíquico era regido pelo princípio do prazer, que tinha como objetivo o alcance da satisfação pulsional, ao formular o conceito de pulsão de morte Freud modifica sua teoria indicando que o ser humano possui uma tendência ao inorgânico, ou seja, a morte. A partir disso, a felicidade plena se torna impossível, uma vez que a pulsão de morte resulta no desprazer.

Nesse sentido, Andrade Júnior (2007) aponta que a descoberta freudiana vai além ao desvelar que o ser humano – ou aqueles que são neuróticos – vivem um conflito entre a ética aristotélica, que rege a moral civilizada (racional), e o reconhecimento de seu desejo já que o que está em jogo é a sexualidade – campo marginalizado da moral civilizada. Como resultado desse conflito há um desconhecimento do desejo, em que o sujeito nada quer saber enquanto balizado pelos ideais racionais. Assim a ética da Psicanálise, em oposição à ética aristotélica, tem como seu norteador o desejo e não a razão.

As virtudes adquirem uma nova acepção no discurso psicanalítico: sejam elas quais forem, não se encontram dadas tampouco fazem parte da constituição do sujeito. Não há completude alguma na virtude a que se possa aspirar. É o desejo que surge como o mais íntimo ao homem, e é exatamente desse desejo que o eu se esquiva: suas ilusões de felicidade [...] consistem exatamente no desconhecimento de si próprio, na adaptação a uma moral [racional] que nada lhe diz respeito, em que o desejo surge como desarmonia; um estranho não convidado. Se há uma ética da psicanálise, portanto, é somente em referência a esse desejo, e se a ética diz respeito a uma diretriz de conduta [...], uma ética para a psicanálise repousa em permitir ao sujeito reconhecer seu desejo; ou, de maneira mais radical, reconhecer-se *desejante*. (ANDRADE JÚNIOR, 2007, p.189).

Andrade Júnior (2007) vai além e indica o caráter singular da ética da Psicanálise, isto é, ter o desejo como norteador é reconhecer que cada sujeito tem o seu. Isso significa que a ética da Psicanálise restitui as diferenças no cerne dos laços sociais, uma vez que é impossível que todos se norteiem pelo mesmo ideal de felicidade.

É nesse sentido que podemos compreender por qual motivo Quinet (2009, p.22) aponta “a ética da diferença” contra o “imperativo da competitividade neoliberal”. De acordo com o autor, o discurso do capitalista promove uma certa homogeneização das pessoas à medida em que isso é interessante para o consumo em massa, o que resulta no apagamento das diferenças e singularidades. Portanto, sustentar a ética da psicanálise é reinserir as diferenças no

cerne dos laços sociais, compreendendo a impossibilidade de se atingir a felicidade plena, seja enquanto grupo ou no âmbito individual.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos com esse artigo sistematizar as diferentes mutações do discurso do mestre. Para isso, foi necessário apresentar a teoria dos discursos de Lacan, discorrendo acerca dos elementos que os constituem, bem como dos lugares que os compõem. Como forma de introduzir os discursos lacanianos optamos por uma breve explanação sobre o processo de constituição do sujeito e o movimento de Maio de 68, ressaltando os aspectos políticos e psíquicos que se relacionam diretamente com o surgimento da teoria dos discursos. Trata-se de um achado precioso para a Psicanálise pois traça um paralelo entre o processo de estruturação do sujeito e o que corresponde a ele a nível social. É nesse sentido que Couto *et al.*(2018) ressaltam a teoria dos discursos como uma ferramenta poderosa para estudos psicanalíticos que trabalham questões sociais.

Apoiando-se nessa constatação demos continuidade a este artigo adentrando nas estruturas dos discursos do mestre, começando pelo antigo, passando pelo moderno e chegando ao contemporâneo. Em cada uma das estruturas discursivas além de se trabalhar o matema correspondente, demos exemplos de alguns laços sociais que ilustram as estruturas discursivas. Com isso é possível perceber que as mutações do discurso do mestre se encontram diretamente relacionadas às mudanças nas e das civilizações, o que ressalta a importância da continuidade do estudo sobre os discursos, uma vez que esses estão em constante mutação e representam chaves importantes para a leitura da contemporaneidade.

É nesse sentido que ao discutir sobre o mestre contemporâneo optamos por abordar o discurso do capitalista que, como trabalhado, é uma de suas faces. A partir das investigações sobre o discurso do capitalista é possível realizar uma leitura acerca do mal-estar contemporâneo, como é realizado por Souza (2003), Quinet (2009) e Lima (2013) e reiterado neste trabalho. Todavia, a constatação de Miller (2017) reafirmada por Mandil (2019) de que o algoritmo do mestre na contemporaneidade é um espaço em aberto, passível de ser ocupado por uma multiplicidade de agentes, chama atenção e indica um vasto campo a ser trabalhando em futuras pesquisas.

Para finalizar, estabelecemos uma diferenciação entre a ética aristotélica e a ética da Psicanálise, que foi apresentada como uma das soluções possíveis frente ao efeito massifica-

dor promovido pelo discurso do capitalista, uma vez que se pauta na sustentação da diferença por meio da valorização do desejo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE JÚNIOR, Moisés de. O desejo em questão: ética da psicanálise e desejo do analista. *Psychê*, São Paulo, v.11, n.21, p. 183-196, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1415-11382007000200013>. Acesso em: 16 jan. 2020.

COUTO, Luis Flávio Silva *et al.* Os discursos lacanianos como laços sociais. *Revista Subjetividades*. Fortaleza, v. 18, n. 3, p. 93-103, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/6562>>. Acesso em: 23 dez. 2019.

LACAN, Jacques. Aristóteles e Freud: a outra satisfação. In: LACAN, Jacques. **O seminário livro 20: mais, ainda (1972-1973)**. Tradução de M.D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. Cap. 5, p.57-69.

LACAN, Jacques. **O seminário livro 17: o avesso da psicanálise (1969-1970)**. Tradução de Ari Roitman *et al.* Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

LACAN, Jacques. A fantasia fundamental. In: LACAN, Jacques. **O seminário livro 6: o desejo e sua interpretação (1958-1959)**. Tradução de Claudia Berliner. Rio de Janeiro: Zahar, 2016. Cap. 20, p.383-400.

LIMA, Nádía Laguárdia. As incicências do discurso do capitalista sobre os modos de gozo contemporâneos. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, Fortaleza, v. 13, n. 3-4, p. 461-498, set/dez. 2013. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v13n3-4/02.pdf>> Acesso em: 03 jan. 2020.

MANDIL, Ram. O mestre contemporâneo e o analista. In: *Curinga*, Belo Horizonte: EBP, n.47, 2019, p. 82-89.

MILLER, Jacques-Alain. Questão de escola: proposta sobre a garantia. **Opção Lacaniana online**. Belo Horizonte, Ano 8, n. 23, p. 1-5, julho 2017. Disponível em: <http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_23/Questao_de_Escola.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2020.

QUINET, Antonio. O campo do gozo e seus discursos. In: QUINET, Antonio. **Psicose e laço social: esquizofrenia, paranoia e melancolia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. Cap. 2, p. 24-46.

RABINOVICH, Diana. O Psicanalista entre o mestre e o Pedagogo. **Cadernos de Psicologia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 11, p.9-28, 2001.

ROSA, Miriam Debieux; COSTA, Ana Maria Medeiros da; PRUDENTE, Sérgio (Orgs.). **As escritas do ódio: psicanálise e política**. São Paulo: Escuta, 2018.

SAFATLE, Vladimir Pinheiro; SILVA JUNIOR, Nelson da; DUNKER, Christian Ingo Lenz. (Orgs.). **Patologias do social: arqueologias do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

SANTIAGO, Jésus. **A droga do Toxicômano: uma parceria cínica na era da ciência**. Jorge Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

SIRELLI, Nilda Martins. Objeto a e Outro: cede-se uma libra de carne. **Trivium: Estudos Interdisciplinares**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p.257-266, 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912017000200011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 jan. 2020.

SOUZA, Aurélio. **Os discursos na Psicanálise**. Salvador: Companhia de Freud, 2003.

THIOLLENT, Michel. Maio de 1968 em Paris: testemunho de um estudante. **Tempo social**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 63-100, 1998 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20701998000200006&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 28 dez. 2019.